

Edição Presidencial

A. GOMES DA COSTA \*

03 OUT 1994

# Que país vamos ser?

As eleições de hoje poderão ser decisivas para definir o Brasil que queremos ter na virada do século. Ou acertamos agora, com intuição e com lucidez, na escolha dos candidatos — e os eleitos correspondem às promessas e às expectativas para mudarmos o país e colocá-lo na direção do desenvolvimento econômico e da justiça social —, ou então erramos no voto e perdemos a oportunidade de esterilizar aquela parte da classe política que não serve, de nos livrarmos dos corruptos e dos incompetentes e de arejar o futuro.

O Brasil novo vai depender do resultado das urnas: se formos atrás da demagogia e do sectarismo, ou se fizermos o jogo dos candidatos que visam o poder apenas para auferir às vantagens do mando, então seremos cúmplices da mentira e do bota-abaixo. Como diria o velho Junqueiro, sentindo, no crepúsculo do século 19, a angústia e o desgosto de ver Portugal resignado à própria desgraça, o que precisamos, a esta altura, não é tanto de libras e de discursos, mas é de alma. Só assim elegermos aqueles que têm grandeza moral e coragem para realizar as reformas de que o país precisa para acertar com os caminhos do progresso e da modernidade. E alma, neste contexto, corresponde a um sentimento patriótico, vivo e generoso, e à vontade de transformar o Brasil numa das mais felizes nações do mundo.

Em cima do laço, decerto não se modifica o destino do voto. Cada cidadão tem a sua preferência, situa-se neste ou naquele quadrante ideológico, sente afinidade por um candidato, ou repulsa por outro. A grande maioria já fez a sua opção e, por isso, na reta de chegada de pouco adiantará a retórica do comício, o panfleto de rua ou os apelos dos prepostos eleitorais. Muito menos valerá o texto do articulista, que escreve, como diria Proust, com a sua parte mais íntima para escapar às armadilhas e rodeios dos partidos. Mas, seja como for, existem duas referências que merecem ser lembradas até à boca da urna: a primeira é a memória do passado, de onde recebemos os elementos da própria identidade; a segunda é a visão do futuro que desejamos construir. Na medida em que formos capazes de levantar uma ponte que se alicerce nas matrizes da nacionalidade (uma referência) e projete o seu arco para um Brasil melhor, mais rico e mais justo (outra referência) estaremos a saldar o compromisso da nossa geração e a dar provas de que, a despeito dos percalços, desejamos um país sem complexos e sem o desespero dos que preconizam o Brasil em estado de choque e dividido ao meio: de um lado, os ricos, os proprietários, os que defendem a livre iniciativa e as regras do mercado; do outro, os pobres, os despossuídos, os que acham que sem a luta de classes não se promove o crescimento e a justiça social. Como se porventura a pátria fosse apenas

JORNAL DO BRASIL

perença de alguns — e não pudesse ser de todos os brasileiros.

O formato histórico — pois o que nos une não são os colchetes da ideologia ou a ficha do partido, mas é a fraternidade e a língua, o sangue os valores comuns, as aspirações que repartimos —, na verdade o seu húmus não está na utopia marxista, nem na cartilha do CIMI, senão no sentimento de brasilidade de que comungamos; os patrimônios de que somos titulares — e não há motivos para depreciá-los, ou destruí-los, porque são o resultado do trabalho e do esforço das gerações que nos precederam — tudo isso deve ser lembrado e inspirar-nos no momento em que vamos escolher os candidatos.

Não podemos querer um Brasil melhor se ao mesmo tempo o cortarmos como se fora um corpo sangrado; se traçarmos por baixo os anseios legítimos das populações; se contestarmos a obra feita e negarmos a luminosidade do caráter nacional. Os que se batem pela teoria dos conflitos, sem se darem conta de que o tempo passou, esses perderam a vaza e o passo da História.

Das duas, uma: ou queremos um país grande e reagimos ao exemplo e à chamada dos semeadores; ou queremos-lo pequeno e sofrido, e, nesse caso, ficamos, cabisbaixos e desalentados, com a batida muda dos coveiros...